

programação da cinubiteca

www.labcom.ubi.pt/cinubiteca

universidade da beira interior

licenciatura em cinema

15 | abril | 04

ciclo { cinema experimental }*



diaries, notes & sketches: walden

1964 - 69 . EUA . 176'

> Nesta sessão serão exibidas a terceira, quarta, quinta e sexta partes (Real III, Real IV, Real V e Real VI, cerca de 90')

**realização, argumento
d direcção de fotografia,
montagem, som
e narração**
Jonas Mekas
com

John Lennon, Yoko Ono,
os Velvet Underground,
Shirley Clarke, Jack Smith,
Peter Kubelka, Allen Ginsberg,
Timothy Leary, Andy Warhol,
Nico, Geral Malanga,
Edie Sedgwick, etc

> Vão ver-se filmes. Vai ver-se este ou aquele filme por uma razão particular, também por razões que não identificamos bem. E depois falamos-nos do filme e nós falamos do filme: encontros, desencontros. O que é que nos dizem? O que é que nós dizemos? Será que dizemos o que se passou efectivamente connosco? E estivemos a ver o que se passa no filme ou a *pensar na nossa avó*, quer dizer, a trabalhar o tempo da vida que dizemos ser a nossa? Recalcamos isso e falamos do que se *passou no filme*? Sentimos muito fortemente que não achamos maneira de dizer o que experimentámos? O que é que nos toca num filme? O que é que um filme faz connosco? O que é que pedimos aos filmes? (Os alunos de Filmologia já estão habituados as estas perguntas.)

Uma imagem é das coisas mais difíceis de ver. E um filme, que tem muitas, é mais difícil ainda. Talvez por isso se julgue ser fácil cobri-lo com palavras, talvez a dificuldade puxe para essa facilidade, pensando que o arrumamos ou que o louvamos. Se vamos ver um filme, se vimos um filme, podemos procurar saber o que vemos, o que acabámos de ver. Saber o que vimos, saber o que vemos... Estranho!... Será ver igual a saber? Estão ligados, não são iguais e, fundamentalmente, são contrários. Mas não é a isto que pretendo responder aqui. Estou em crer que saber o que se vê, tenha isso as consequências que tiver para o saber e para o ver, é o que legitima a crítica — que é essa a sua razão de ser... e estou em crer que isso é normalmente colocado «entre parênteses»... por toda a gente. Donde, constitui o modo como os filmes são recebidos que isso seja colocado «entre parênteses» e faz por isso parte do cinema. (Dizer *uns enquadramentos espectaculares, uma montagem com ritmo, um argumento previsível*, significa alguma coisa? *Pode* significar, mas quase sempre é zero. Dizer *um homem que se movimenta a coxear* significa alguma coisa? *Pode* significar, parece-me que significa mais.) Mas, por vezes, *querer saber o que se vê* não é colocado «entre parênteses» e é mesmo para aí que se vai, que se quer ir. Mas não podemos ficar descansados com isto, ficamos mesmo aflitos. Essa aflicção faz parte do amor às imagens — da crítica das imagens e também da entrega às imagens. E é preciso ter em conta que um filme não pára. *Não se fala de um filme*, costuma dizer um amigo meu — e tem razão. Por conseguinte, também *querer saber o que se vê* não leva a que se fale de um filme. Coincide nisso com *querer arrumar* ou *louvar* um filme e faz por isso parte do cinema.

E o que é que Jonas Mekas pede aos filmes, ele que os fez? Diz ele: «Só posso filmar, e de alguma maneira promover, o que amo e o que admiro. Filmo as crianças. Filmo a amizade, que considero essencial, homens e mulheres à volta de uma mesa a comer e a beber... Mais nada me parece essencial à minha volta na América»... Filmar homens e mulheres à volta de uma mesa *sim* ou *não*? Não é *sim* ou *não*, mas antes *acreditar nisso* ou *não acreditar nisso*. Mekas acredita nisso. Evidentemente, filmar homens e mulheres à volta

de uma mesa não garante nada, não garante a imagem, não pode ser erigido em regra. Mekas, à parte a sua crença, tem a sua maneira e a imagem é o resultado disso... «Walden» é um dos filmes mais belos que vi. *What beauty? Cinema is between the frame... cinema is... In the background, the music of the people, the voices of the children of the people...* Explicar agora por que é que, se alguém quiser saber, daqui a mil anos, o que é (foi) este mundo e o que são (foram) estas pessoas, será a partir de «Walden» que poderá ter alguma relação com isso... Ora aí está uma coisa que não se pode saber, mas que se pode ver e ouvir e, na medida em que se veja e ouça, saber depois alguma coisa.

Cinema is between the frame... Há em Mekas um prolongamento da acção de Vertov, em «Cine-olho», no «Homem da câmara de filmar»: há, digamos, uma realidade, um grupo de pessoas que, por exemplo, caminha numa rua; essa realidade tem vários aspectos e esses aspectos, por sua vez, têm vários aspectos, infinitamente; todos eles, fragmentados, interferem pela montagem constantemente uns com os outros, de várias maneiras, sem antes, durante e depois dos gestos, sem antes, durante e depois do que se esboça, numa espécie de moinho onde tudo se liga a tudo. A interacção é menos mental, mais *visceral* em Mekas. (Os vários casamentos que Mekas filma $\frac{3}{4}$ quantos são? $\frac{3}{4}$ não são por isso nada enfadonhos e as pessoas só têm movimento e vontade de movimento, tal como as rendas dos vestidos, os longos cabelos das mulheres dos anos 60, os joelhos das mulheres dos anos 60 $\frac{3}{4}$ e 70.) E, por outro lado, é a sua maneira, Mekas fala com as pessoas que filma enquanto as filma, aproxima-se, fica junto delas, afasta-se também, mas é como se as abraçasse ao afastar-se. Só ele faz *assim*. Não há ninguém que surja zangado em «Walden». Só ele escolhe *assim*. Mekas fala também às imagens $\frac{3}{4}$ é o narrador, a voz que por vezes as acompanha, a forma de uma ladainha, só a forma, como os trechos de piano que se repetem, como os trechos de órgão que aparecem. Como essa presença intensa, bruta, do vento contra o microfone $\frac{3}{4}$ é das coisas mais potentes do som, sempre, em qualquer registo $\frac{3}{4}$, presença que, registada separadamente, passa a falar às imagens como a voz de Mekas. E há qualquer coisa que tem a ver com a pintura, não só com o *action painting*, mas, conjuntamente, anacronicamente, é como se o cinema tivesse chegado com Mekas ao seu *impressionismo* (a que não será certamente indiferente a *qualidade* do material, a película de 16mm, a sua Bolex) : Nova Iorque $\frac{3}{4}$ a mais humana das cidades, que se exprime *naturalmente* pelo movimento dos carros, a sua dança, *always a good feeling in coming to New York*, apesar de aí não haver aurora $\frac{3}{4}$, as paisagens de neve, as pessoas na neve. E a luz flashada, recortando a imagem, fazendo aparecer e desaparecer os rostos, os corpos que dançam, que são dançados por ela, envolvendo-os com um êxtase de marionetas. *What beauty!* Sim, é por causa da beleza que resulta desta maneira de Mekas que... <

exibição

15 | abril | 04
17h00
cinubiteca
{anf.1}

* { A programação deste ciclo é da responsabilidade de Edmundo Cordeiro }